

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Victória Cristina Vieira Menino

O papel da visitação a museus na formação de Pedagogos(as)

Sorocaba

2025

Victória Cristina Vieira Menino

O papel da visitação a museus na formação de Pedagogos(as)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia para obtenção do título de licenciada em Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos. Área de concentração: Sorocaba.

Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi

Sorocaba

2025

Menino, Victória Cristina Vieira

O papel da visitação a museus na formação de
Pedagogos(as) / Victória Cristina Vieira Menino -- 2025.
51f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,
campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Lucia Maria Salgado dos Santos
Lombardi

Banca Examinadora: Maria José Braga Falcão, Thiago
Consiglio Cruz

Bibliografia

1. Museu. 2. Formação artística. 3. Formação de
pedagogos. I. Menino, Victória Cristina Vieira. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA - CCPedL-So/CCHB
Rod. João Leme dos Santos km 110 - SP-264, s/n - Bairro Itinga, Sorocaba/SP, CEP 18052-780
Telefone: (15) 32295978 - <http://www.ufscar.br>

DP-TCC-FA nº 3/2025/CCPedL-So/CCHB

Graduação: Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Curso

Folha Aprovação (GDP-TCC-FA)

FOLHA DE APROVAÇÃO

VICTÓRIA CRISTINA VIEIRA MENINO

O PAPEL DA VISITAÇÃO A MUSEUS NA FORMAÇÃO DE PEDAGOGAS(OS)

Trabalho de Conclusão de Curso

Universidade Federal de São Carlos – *campus* Sorocaba

Sorocaba, 20 de fevereiro de 2025

ASSINATURAS E CIÊNCIAS

Cargo/Função	Nome Completo
Orientadora	Prof.ª Dr.ª Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi
Membro da Banca 1	Prof.ª Dr.ª Maria José Braga Falcão
Membro da Banca 2	Prof. M.e Thiago Consiglio Cruz



Documento assinado eletronicamente por **Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi, Professor(a)**, em 21/02/2025, às 20:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufscar.br/autenticacao>, informando o código verificador **1748993** e o código CRC **79BA4C48**.

Referência: Caso responda a este documento, indicar expressamente o Processo nº 23112.003009/2025-77

SEI nº 1748993

Modelo de Documento: Grad: Defesa TCC: Folha Aprovação, versão de 02/Agosto/2019

Assinado por:

5307820D81094DA
Prof. M.e Thiago Consiglio Cruz

Prof.ª Dr.ª Maria José Braga Falcão

Para todas as professoras e os professores que
me trouxeram até aqui e me permitiram
construir boas memórias na jornada estudantil.
E à minha irmã, Vanessa, minha maior
incentivadora.

AGRADECIMENTO

Primeiramente, agradeço à minha família por todas as formas de apoio ao longo desses anos, sobretudo, para que eu pudesse ingressar na universidade e concluir essa etapa. Em especial, à minha mãe Márcia, que desde a infância me inspira de incontáveis maneiras e estimula meu contato com a arte, e à minha irmã Vanessa, a quem sou imensamente grata por todo o suporte diário e por tornar os dias e o mundo melhores.

Agradeço aos amigos e colegas que tornaram os momentos mais leves e divertidos, dos trabalhos em grupo às caronas e conversas descontraídas, principalmente Karin e Sagera, amigas também de curso que em tempos diferentes tornaram a universidade e as aulas mais significativas.

Agradeço à querida professora e orientadora Dr^a. Lucia Lombardi, que desde o primeiro semestre da graduação me inspira a buscar ser uma pessoa e educadora melhor, por toda ajuda no desenvolvimento deste trabalho e por suas contribuições e incentivos à formação dos licenciandos em Pedagogia, sempre de forma gentil e acolhedora.

Por fim, agradeço à UFSCar *campus* Sorocaba por todas as vivências proporcionadas, e a todos os professores e professoras pelos quais passei desde que iniciei minha trajetória escolar, afinal, todos impactaram de alguma maneira na minha constituição pessoal e na minha escolha pela educação.

“[...] Arte não pensa: O olho vê, a lembrança
revê, e a imaginação transvê. É preciso
transver o mundo.”

Manoel de Barros (1996, p. 75)

RESUMO

MENINO, Victória. O papel da visitação a museus na formação de Pedagogas(os). 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba. Sorocaba, 2025.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo investigar qual a contribuição da visitação a museus na formação de Pedagogos(as). Para isto, buscou conhecer o papel que a instituição museológica desempenha na educação, os objetivos e significados da formação estética, cultural e artística desses(as) profissionais. De natureza qualitativa, com abordagem bibliográfica e narrativa, a pesquisa inclui narrativas de duas experiências vivenciadas pela autora enquanto estudante do curso de Pedagogia, ao visitar a exposição MAHKU Mirações (do Movimento dos Artistas Huni Kuin), no Museu de Arte de São Paulo (MASP), e a Galeria/Ateliê do artista Sorocabano Ernesto Ferro. Como resultados verificou-se que a visitação a museus pode ser compreendida como uma ação de formação artística de Pedagogos(as) visto que favorece a formação nas dimensões estética e cultural, garantindo o direito de estudo necessário para a efetivação do dever, enquanto profissional da Educação, de promoção do ensino de Arte para e com crianças, bem como da ação educativa de mediação cultural que exerce.

Palavras-chave: Museu; Formação artística; Formação de pedagogos; Mediação cultural.

ABSTRACT

MENINO, Victória. The role of museum visits in the development of Pedagogues. 2025. Undergraduate thesis (Licenciatura in Pedagogy) - Federal University of São Carlos, Sorocaba, 2025.

This Undergraduate thesis aims to investigate the contribution of museum visits to the Pedagogues' education. To this end, it sought to understand the role that the museum institution plays in education, the objectives and meanings of the aesthetic, cultural and artistic education of these professionals. Of a qualitative nature, with a bibliographic and narrative approach, the research includes the narrative of two experiences lived by the author as a student of the Pedagogy course, when visiting the exhibition MAHKU Mirações (from the Huni Kuin Artists Movement), at the São Paulo Museum of Art (MASP), and the Gallery/Studio of the Sorocabano artist Ernesto Ferro. As a result, it was verified that visiting museums can be understood as an action of artistic formation of Pedagogues, since it favors education in the aesthetic and cultural dimensions, guaranteeing the right to study necessary for the effectiveness of the duty, as a professional of Education, of promoting the teaching of Art for and with children, as well as the educational action of cultural mediation that it exercises.

Keywords: Museum; Artistic education; Teacher formation; Cultural mediation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CAPÍTULO I: MEMORIAL.....	14
3 CAPÍTULO II: METODOLOGIA	22
4 CAPÍTULO III: QUADRO TEÓRICO	29
4.1 O PAPEL DO MUSEU NA EDUCAÇÃO	29
4.1.1 O lugar da educação dentro do museu	32
4.2 A FORMAÇÃO ESTÉTICA, CULTURAL E ARTÍSTICA DE PEDAGOGAS(OS)	33
4.2.1 Pedagogas(os) enquanto mediadoras(es) culturais.....	37
4.3 EXPEDIÇÃO CULTURAL: MASP EXPOSIÇÃO MAHKU MIRAÇÕES + GALERIA ERNESTO FERRO: NARRATIVA DA EXPERIÊNCIA DE UMA FUTURA PEDAGOGA	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
6 REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

Ao realizar uma avaliação diagnóstica no início da disciplina “Metodologia do Ensino de Arte” do curso de Pedagogia ¹, uma questão me chamou muito a atenção. Após navegar por diversas questões voltadas a conhecer o repertório artístico das(dos) estudantes da turma, interessadas em conhecer nossas experiências com Artes Visuais, Teatro, Música e Dança (vivências de assistir e de fazer) na infância, adolescência ou vida adulta, a professora pergunta: “*Qual foi seu maior encantamento (uma coisa que você gostava!) com as linguagens artísticas na escola? Pode citar uma boa memória?*”. Ao me deparar com esta provocação estética, surgiu a inspiração para o objeto de pesquisa deste trabalho.

A pergunta levantou memórias que evidenciaram para mim mesma o quanto foram importantes as visitas a museus que foram promovidas por minhas professoras na Educação Básica, na forma de passeios ou expedições culturais, como ação significativa na minha formação pessoal desde a infância.

Nesta pergunta da avaliação diagnóstica de Arte, respondi que ao pensar sobre esta questão, o primeiro encantamento que me vinha à mente era em relação aos passeios culturais (assim denominados na escola) que pude vivenciar, de visitas a museus e a espetáculos de Teatro. Me lembrei também, com saudade, de fazeres artísticos com técnicas de desenho e pintura, escultura, de atuação em Teatro e Dança, com satisfação especial relacionada a quando nos convidavam a experimentar, praticar as linguagens da arte. Escrevi que “nem todas as atividades desse cunho eram boas lembranças, mas a maioria sim!”

Conforme explicado pela Prof^a. Lucia em aula, a avaliação como ato diagnóstico na "Metodologia do Ensino de Arte" tem por objetivo a escuta dos nossos conhecimentos, pensamentos e sentimentos a respeito de temas específicos estudados na disciplina. É uma avaliação que se soma à atitude de avaliar de forma mediadora e processual, desejando a integração das nossas experiências de vida no processo de estudos artísticos que iniciamos na formação em Pedagogia. O diagnóstico pode permitir decisões de direcionar ou redirecionar os estudos e de refletir sobre as ações pedagógicas que acontecem nas escolas. Como afirma Jussara Hoffmann (2003), é um procedimento investigativo que serve de ponto de partida para o *‘ir além’* no processo de construção do conhecimento.

¹ “Metodologia do Ensino de Arte” é uma disciplina obrigatória de 60 horas, ministrada pela Prof^a. Dr^a. Lucia Lombardi, inserida na matriz curricular do Projeto Pedagógico do Curso (PPC), que pode ser acessado em: <https://www.prograd.ufscar.br/pt-br/cursos/cursos-oferecidos/pedagogia/sorocaba>

Dada a potencialidade desta memória, nasceu o tema de pesquisa deste trabalho, inserido na formação de pedagogos(as), voltado a investigar a contribuição da visitação a museus e outros espaços expositivos na formação desses(as) profissionais. O enfoque na instituição museológica se deu em razão da resposta anteriormente mencionada que inspirou a investigação do tema, contudo, é válido ressaltar que outras experiências, relatadas em momentos do trabalho, ocorridas em diferentes ambientes, também serviram de inspiração, por exemplo, as exposições mencionadas no capítulo Memorial, visitadas e apreciadas no espaço expositivo de artes do *campus* Sorocaba da UFSCar², que fica localizado dentro da Biblioteca, e a Galeria/Ateliê, que será explanada posteriormente.

Pensar sobre esses ambientes expositivos, neste contexto, nos leva a refletir acerca da educação presente neles, afinal, trata-se de ambientes relacionados ao processo formativo. Este trabalho trata as visitas aos espaços expositivos como práticas pedagógicas que vão além da sala de aula, isto é, que ocorrem em espaços não escolares. De acordo com Severo (2015, p. 565), a chamada Educação Não Escolar (ENE):

Pode ser conceituada como uma categoria temática que engloba práticas consideradas formativas situadas fora da escola. É, portanto, mais adequada para se referir aos espaços educativos em que ocorrem processos não formais e informais, embora em alguns casos seja possível reconhecer atividades formais que se desenvolvem fora da escola, em contextos não convencionais.

Ou seja, a ENE refere-se à designação de espaços, contextos ou âmbitos sociais e institucionais distintos da escola, nos quais se desenvolvem práticas educativas baseadas nos modelos formal, não formal e informal (Severo, 2015, p. 565). Neste sentido, a autora Andréa Falcão, que nos aponta museus como “lugares de memória” e espaços não-formais de educação, se baseia na pesquisadora da Educação não-formal, Maria da Glória Gohn, para afirmar que:

A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal é aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimento herdados; e a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos (Gohn, 2006).

Tendo sido elaborada a principal questão-problema da pesquisa, “Qual é a contribuição da visitação a museus na formação de Pedagogos(as)?”, os diálogos com a orientadora geraram o aprofundamento de questões decorrentes do objetivo principal, sendo elas: “Qual é o papel

² Área para exposições na Biblioteca *campus* Sorocaba da UFSCar: <https://www.bso.ufscar.br/servicos-e-informacoes/area-exposicoes>.

do museu na educação?”, “Quais são os objetivos/sentidos/significados da formação estética, cultural e artística de Pedagogas(os)?”.

Para dar conta destas questões e promover o enriquecimento da reflexão, além do respaldo teórico, realizo um relato e interpretação de experiências individuais, por meio da narrativa de experiências artísticas vivenciadas por mim durante o curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) *campus* Sorocaba, em dois espaços fora da sala de aula: na exposição MAHKU Mirações (do Movimento dos Artistas Huni Kuin), no Museu de Arte de São Paulo (MASP) e na Galeria/Ateliê do artista Sorocabano Ernesto Ferro. Segundo Raimundo Martins, Irene Tourinho e Elizeu Souza (2017), a construção de narrativas sobre as próprias vivências contribui para alcançar uma compreensão mais profunda de como as experiências estão sendo vividas, percebidas e interpretadas em outros contextos de socialização, por pequenos ou grandes grupos, de comunidades e instituições.

Nas palavras de Mafud (2019), é imprescindível que os estudantes de Pedagogia não apenas compreendam as metodologias relacionadas ao ensino da Arte, mas também tenham a oportunidade de vivenciar experiências estéticas e artísticas ao longo de sua formação. “A arte como válvula potente, ato criador em diálogo com as demais linguagens, pode gerar uma práxis docente criadora” (Mafud, 2019, p. 65).

A pesquisa está estruturada em três capítulos. O primeiro apresenta um memorial que explicita memórias e experiências da minha trajetória de vida que corroboram com as ideias debatidas ao longo do trabalho. O segundo capítulo discorre sobre a metodologia utilizada na pesquisa, a qual se constitui como de natureza qualitativa, bibliográfica e narrativa. No terceiro capítulo encontra-se o diálogo que os autores trazem acerca do tema, passando pela compreensão da importância que o museu tem na educação e do lugar da educação dentro desta instituição, além de tratar da formação estética, cultural e artística de pedagogas(os) e o papel que desempenham como mediadoras(es) culturais. Por fim, é também neste capítulo, a partir das fundamentações teóricas, que relato a experiência vivida em uma expedição cultural ao Museu de Arte de São Paulo (MASP), para visita à exposição “MAHKU: Mirações”, e à galeria-ateliê do artista Ernesto Ferro.

2 CAPÍTULO I: MEMORIAL

O início desse memorial se deu em 2023, quando na disciplina de Metodologia do Ensino de Arte fomos convidados pela professora Lucia Lombardi a refletir acerca da arte usufruída em nossas vidas, em como os conteúdos e experiências estéticas, culturais e artísticas influenciaram e ainda impactam na formação de quem somos hoje.

Diante do convite que a escrita de um memorial oferece – desenrolar o novelo da memória, como diria Luciana Ostetto (2018) – tendo a começar pela infância, o que considero o princípio, apesar que a narrativa nem sempre é retilínea. Nasci, cresci e ainda vivo em Piedade, município do interior de São Paulo. Talvez por ser uma cidade pequena, a oferta e promoção de atividades culturais sempre foi um pouco limitada – apesar disso, é bom perceber como hoje, em relação há alguns anos, é uma questão pública que vem ganhando mais visibilidade e importância.

Ainda que essa limitação existisse, foi em escolas públicas do mesmo município que pude conhecer, vivenciar, estreitar laços e me encantar com a arte em diversas de suas formas de manifestação. Mas reconheço que a escola não foi a única promotora dessa relação, antes (e junto) a ela, eu tive, como ainda tenho, uma família, e sobretudo minha mãe, como incentivadora – por reconhecer a importância dessas experiências na vida de uma criança e fazer e o que estava ao seu alcance para apoiar que elas acontecessem.

Pouco me lembro da Educação Infantil, fase que vivi dos quatro aos seis anos. Recordo que na escola tinha uma professora conhecida por “saber desenhar”, ela sempre fazia desenhos em folha sulfite para as crianças pintarem, qualquer coisa que pedíssemos, mas só ela podia usar as canetinhas, a pintura tinha que ser com lápis de cor ou giz de cera. O ambiente escolar me parecia encantador, pois além dos parques, que por si só eram o máximo, havia jardins muito lindos, e, apesar das restrições de brincar lá, podíamos frequentar. Quando penso no “parquinho” – como a escola era chamada – associo com cores, natureza, alegria, imaginação e brincadeiras. Eu gostava muito!

Por outro lado, dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental eu me lembro muito, e quantas lembranças artísticas guardo dessa etapa! No município de Piedade, desde essa época, a aula de arte é dada por um professor específico, apesar disso, as professoras polivalentes pelas quais passei são as mais presentes nessas minhas lembranças, o que hoje considero bom, pois significa que a arte não era restrita aos momentos das aulas específicas. Nesses quatro anos – da 1^a à 4^a série – conheci diferentes técnicas de desenho e pintura que as professoras ensinavam, experimentei pela primeira vez modelagem com argila, participei de ensaios de dança e

apresentações, em ocasiões como festa junina e datas comemorativas, além das apresentações artísticas semanais que aconteciam às sextas-feiras, após cantarmos o hino à bandeira nacional: cada semana uma turma era responsável por apresentar algo, que podia ser desde citações de poesia à teatralização da história de um livro, às vezes eu participava no palco da escola, em outras, na plateia.

Na passagem para os Anos Finais do Ensino Fundamental as aulas de arte já não são lembranças tão especiais. Lembro-me das apostilas que enrijeciam o ensino, e de propostas de cunho obrigatório – como dança em grupo – que não foram nem um pouco agradáveis de serem realizadas. Nessa época, a introversão e timidez ganharam mais espaço na minha personalidade, não há como negar a influência disso na minha relação comigo mesma e com outras pessoas. Foi nessa etapa de ensino – do 6º ao 9º ano – que eu deixei de experienciar e praticar tanto quanto antes, apesar que o interesse pelas linguagens da arte nunca deixou de existir.

Mas nem tudo são magoas, há apontamentos felizes. Se nesse tempo a escola não era o lugar mais agradável do mundo, pelo menos foi a instituição responsável por expedições culturais incríveis que tive a oportunidade de vivenciar, e que hoje vejo o quão impactantes foram na minha formação – por exemplo: visita ao Museu da Língua Portuguesa³, Pinacoteca de São Paulo⁴, Bienal do Livro, ida a teatros musicais... Encontros com espaços e experiências que, posteriormente, eu sonharia com o dia em que poderia revisitar.

Neste ponto, gostaria de destacar a Pinacoteca de São Paulo, museu de arte localizado na cidade de São Paulo. Enquanto lia materiais de referência para a escrita deste trabalho, me deparei com o texto “De luzes e de voos: em busca da beleza para ser humano”, da autora Luciana Esmeralda Ostetto, disponível no livro “Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte”, onde a autora começa sua escrita a partir de uma descrição da Pinacoteca:

Visitar a Pinacoteca do Estado de São Paulo é, para mim, um passeio muito prazeroso e estimulante. [...] Há sempre algo para ver e apreciar por lá. Entrar no prédio já é um acontecimento. Como é lindo! O chão de madeira, o teto alto, as escadas, as paredes, o vão central, o claro e o escuro – enfim, as sensações que experimentamos caminhando pelos seus compartimentos, tudo é majestoso. Somos transportados para outros tempos e, neles, descobrimos outros espaços. Além do que, a Pinacoteca está lá, no Jardim da Luz, compondo com ele uma bela paisagem paulistana (Ostetto, 2011, p. 143).

Para mim foi uma surpresa esse trecho, concordo com cada palavra de Luciana Ostetto. Com essa leitura, revivi memórias da primeira e última vez que estive lá, em novembro de 2014,

³ Museu da Língua Portuguesa: <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/>

⁴ Pinacoteca de São Paulo: <https://pinacoteca.org.br/>

quando fui com a escola. Acho curioso pensar que um lugar que visitei há dez anos, uma única vez, tenha se tornado um dos meus lugares favoritos da vida, mas, pensando que o encantamento que o lugar e a experiência de o visitar me proporcionaram foi tanto, acho justificável.

De outro modo, a professora Maria José Braga Falcão explica tal fenômeno citando a poetisa Adélia Prado (2008, p. 101): “o que a memória ama fica eterno”⁵, uma interpretação sensível e bonita, que diz muito sobre o papel e impacto da memória na construção da nossa formação pessoal.

Figura 1 – Registro da exposição de Ron Mueck na Pinacoteca, nov/2014.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

E além da escola, outro agente importante que fez parte da minha vida nessa mesma época e em que pude aprender e experimentar arte na forma de música foi o Projeto Programa Guri. As aulas de coral e violino, cursadas no contraturno escolar, eram ótimas! Não consegui frequentar o programa o suficiente para poder dizer que sei tocar um instrumento, mas ali foi o início de um desejo de aprendizado que pretendo ainda retomar.

⁵ Informação pessoal concedida pela Prof^a. Dr^a. Maria José Braga Falcão na ocasião da defesa do Trabalho de Conclusão de Curso na Licenciatura em Pedagogia intitulado “O papel da visitação a museus na formação de Pedagogos(as)”, de Victória Cristina Vieira Menino, em 20 de fevereiro de 2025, às 14h30, no prédio CCHB 2, 1º andar, sala 2 101 da UFSCar.

No ensino médio, estudei na Escola Técnica Estadual (Etec) de Piedade. O currículo integrado ao ensino técnico permitiu aulas de arte apenas no primeiro dos três anos, mas a gincana cultural promovida pela escola garantiu experiências artísticas, de todas as formas, do início ao fim. Hoje, revisitando as gincanas, percebo como foi, e ainda é, uma ferramenta muito significativa e de sucesso para o incentivo às atuações dos alunos, uma memória muito alegre enquanto aluna, e que hoje serve de exemplo para práticas docentes.

Quando me vi diante da necessidade de escolher um curso de graduação, cheguei a cogitar alguma área próxima do campo da arte, como o curso de artes visuais, porém, cheguei à conclusão que o prazer que eu tinha ao vivenciar e experienciar as linguagens da arte não seria o mesmo diante de uma atividade profissional. De toda forma, eu que já estava mais pendente a escolher a licenciatura em Pedagogia, e assim fiz, me surpreendi positivamente quando me deparei, em alguns momentos do curso, com as possibilidades da arte na educação para além do que eu já sabia ou esperava.

Desde 2018, quando ingressei na graduação, percebi como a universidade pública é um espaço rico em muitos sentidos, inclusive na oferta e desenvolvimento de atividades artísticas, de modo formal e informal. Sinto que ao longo desses mais de sete anos em que estudo na Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba (UFSCar) deixei de aproveitar muitas oportunidades, às vezes por inseguranças próprias, outras pela impossibilidade diante da condição de conciliar uma rotina intercidades, de estudo e trabalho. Ainda assim, neste exercício de lembranças, consigo recordar momentos e situações de encontros com a arte e o sentimento de felicidade e deslumbramento diante deles.

Quantas vezes pude visitar na Biblioteca *campus* Sorocaba (B-So), da UFSCar, exposições incríveis! Duas delas me marcaram muito. A primeira foi logo no meu primeiro ano, a exposição “Ensaio no tempo”⁶, idealizada pela artista Maria José Braga Falcão – lembro que as artes em colagem me tocaram de uma maneira tão profunda que eu, que na época tinha como hobby confeccionar/enviar cartões e cartas, cheguei a entrar em contato com a artista e enviar para ela uma correspondência para expressar de forma mais tangível meu encantamento e gratidão com seu trabalho.

⁶ Documentário "Ensaio no Tempo" de Maria José Braga Falcão - Mosé Falcão Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jynLwdchQyc>

Figura 2 – Detalhes da exposição “Ensaaios no Tempo”, um convite para apreciar, interagir, refletir e se inspirar.



Fonte: Montagem com fotos do acervo de Lucia Lombardi.

Figura 3 – “Inventário de Pequenos Gestos”: encantamento que virou carta, papéis coloridos e acervo de lembranças – um partilhamento de ideias em ação.



Fonte: Montagem com fotos do acervo de Lucia Lombardi e acervo pessoal da autora.

A segunda exposição a qual me refiro, visitei em outubro de 2023, nomeada “Bamo Proseá? Cotidiano e cultura caipira entre retratos e afetos”, que faz parte de um projeto de

extensão universitária coordenado pela Prof^a. Dr^a. Neusa de Fátima Mariano. Ela me afetou de modo sensível ao despertar memórias familiares e, dessa vez, lembro de pensar em como as ideias ali visitadas podiam colaborar e inspirar práticas no meu trabalho, atual e futuros, tanto que me preocupei em registrar, com fotos e vídeos, os detalhes que encontrei (coisa que infelizmente não pensei em fazer outras vezes).

Figura 4 – Exposição “Bamo Proseá?” no saguão da Biblioteca *campus* Sorocaba (B-So), da UFSCar. Um despertar de afetos e memórias da infância e origem piedadense.



Fonte: Montagem com fotos do acervo pessoal da autora.

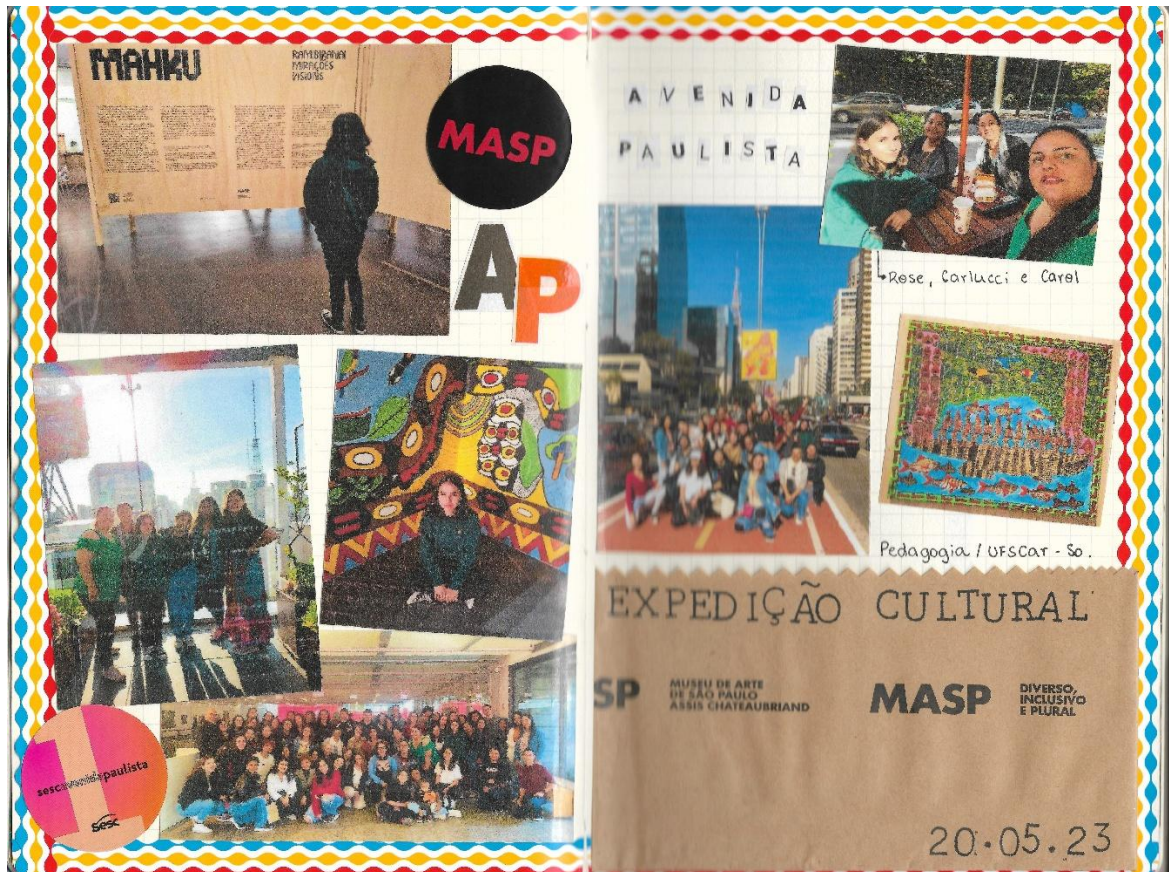
Como mencionei anteriormente, nem sempre fui uma pessoa preocupada com registros, mas, recentemente, motivada pelo medo do esquecimento, sobretudo de detalhes do dia a dia que podem facilmente serem esquecidos, me atento a essa ação.

Hoje, além de fotos e vídeos facilmente realizados pela praticidade do celular, eu pratico a criação de “*journals*”, termo usado para se referir a cadernos que servem como diário, mas não ao diário como conhecemos popularmente. O *journal* inclui escrita e, principalmente, diferentes materiais, colagens – de fotos, embalagens, elementos naturais... tudo que desperte uma memória e possa ser guardado em um caderno tem espaço ali.

Eu considero o “*journaling*” uma prática artística, são momentos de prazer e criação pensar as composições de cada página, exercitar o registro da memória dos acontecimentos da

vida. Um pouco mais trabalhoso que apenas manter uma galeria digital, mas muito mais legal e detalhado que um álbum de fotos reveladas.

Figura 5 – Página digitalizada do *journal*, referente à expedição cultural ao Museu de Arte de São Paulo (MASP) para a exposição MAHKU: Mirações.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Da matriz do curso de Pedagogia, as disciplinas “Educação, Corpo e Movimento” e “Metodologia do Ensino de Arte” foram grandes oportunidades e espaços para aprendizados de cunho pessoal e profissional, e para que eu pudesse me lembrar e descobrir novos encantamentos com a junção da arte e educação. Na mesma época que cursei as disciplinas, no primeiro e segundo semestres letivos de 2023, iniciei um processo de terapia. É interessante mencionar que ter acompanhamento psicológico – para lidar com as questões limitantes que começaram na adolescência – durante o processo de formação docente, somado naquele momento à postura respeitosa e acolhedora da professora de Arte e Corpo, me permitiu vivenciar com mais entusiasmo e profundidade as propostas.

Nas reflexões e práticas dessas disciplinas, lembrei em como a timidez e a falta de consideração por essa limitação nas propostas educativas se configuravam nas lembranças ruins

que tenho com relação à arte na trajetória escolar, mas nestas duas disciplinas essas vivências foram marcadas apenas de forma construtiva e positiva.

Apesar das lembranças ruins, a maioria são boas. Foi numa lembrança de encantamento com as artes na escola, mais especificamente do encantamento diante das visitas escolares à museus – reavivada na primeira sessão de orientação de trabalho de conclusão de curso – que surgiu a ideia de tema para este trabalho.

Ao exercitar esse desenrolar do “fio” da memória, percebo com mais nitidez o quanto o ensino público, por meio da arte, foi responsável por proporcionar e estimular experiências fundamentais na minha formação, e, conseqüentemente, em quem sou hoje. Na posição de futura profissional da educação – inclusive por experiência própria – me preocupo em ser uma docente comprometida com a promoção e oferta de arte, pois além de reconhecer seu papel fundamental, reconheço o direito ao seu acesso e o dever, na postura de educadora, de estudar e garantir sua efetivação no trabalho educativo.

Figura 6: Um convite à descoberta, aprendendo a ler a arte e a pesquisar no museu.



Fonte: Montagem com fotos do acervo de Lucia Lombardi.

3 CAPÍTULO II: METODOLOGIA

A metodologia adotada neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é de natureza qualitativa, de caráter bibliográfico e narrativo, a partir da experiência da pesquisadora em duas atividades de expedição cultural vivenciadas dentro do curso de licenciatura em Pedagogia, sendo elas as expedições à exposição MAHKU Mirações (do Movimento dos Artistas Huni Kuin), no Museu de Arte de São Paulo (MASP), e à Galeria/Ateliê do artista Sorocabano Ernesto Ferro.

O trajeto adotado para a realização seguiu as orientações de Bruno Malheiros (2011). De acordo com o autor, a pesquisa considerada bibliográfica baseia-se na seleção e análise da literatura disponível em um determinado campo do conhecimento, levando em conta suas contribuições científicas para o tema, logo, esse processo inclui a interpretação e a comparação dos resultados, com o objetivo de desenvolver novas perspectivas sobre a questão investigada.

Ao iniciar as reuniões de orientação com a professora orientadora deste trabalho, Dr^a. Lucia Lombardi, chegamos à questão-problema norteadora da pesquisa: “Qual é a contribuição da visita a museus na formação de Pedagogos(as)?”. A partir dela, outras questões surgiram: “Qual é o papel do museu na educação?”, “Quais são os objetivos/sentidos/significados da formação estética, cultural e artística de Pedagogos(as)?”. Esses questionamentos, assim como o objeto de pesquisa, objetivo principal e metodologia, foram elaborados e estruturados no projeto de pesquisa.

Com o projeto e a metodologia definidos, o levantamento bibliográfico foi realizado a partir da consulta de três bases de dados distintas: Scielo Scientific Electronic Library Online, Portal da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo (USP) e Repositório institucional da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Para esta etapa, foram usados descritores (palavras-chave ou combinação de palavras) previamente selecionados: *educação museal; museu e infância; museu e educação; museu e pedagogia; museu e formação docente; museu e formação de professores; formação artística de pedagogos; mediação cultural*. Cada consulta contou com condições específicas, como filtros, para aprimorar os resultados encontrados.

Os resultados obtidos no levantamento bibliográfico serão apresentados por meio de tabelas, as quais possuem formato e proposta criados em 2012, pela orientadora deste trabalho, especialmente para o desenvolvimento de TCCs, discutidas e revisadas nos debates do Grupo

de Pesquisa sobre Infância, Arte, Práticas Educativas e Psicossociais (GIAPE).⁷ A prof.^a Dr.^a. Lucia sugeriu a utilização deste modelo de tabela para a etapa de revisão de literatura a fim de possibilitar às leitoras e aos leitores do trabalho um acesso democrático aos critérios explícitos e sistemáticos de busca e análise do material relevante sobre o tema pesquisado nos diferentes formatos, tais como livros, artigos de periódicos, registros históricos, teses e dissertações. A sugestão de uso das tabelas foi aceita por mim, sendo os resultados apresentados a seguir.

A primeira base de dados utilizada foi a Scielo Scientific Eletronic Library Online – SciELO (<https://www.scielo.br/>), na qual foi aplicado o filtro de idioma, buscando apenas artigos em português, e o filtro de ano de publicação, selecionando apenas as produções publicadas há 15 anos, isto é, a partir de 2010. Ao todo, foram selecionados cinco textos.

Tabela 1 – Levantamento bibliográfico na SciELO

SciELO – Scientific Eletronic Library Online			
Palavra-chave	Nº de referências encontradas no total	Nº de referências selecionadas para a pesquisa	Títulos selecionados para a pesquisa
Educação museal	14	1	FARIAS JÚNIOR, José Petrócio. Educação museal e produção de memórias. Revista Brasileira de História da Educação , [s.l.], v. 21, n. 1, p. e148, 17 dez. 2020. Universidade Estadual de Maringá. DOI: https://doi.org/10.4025/rbhe.v21.2021.e148 . Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/52451/751375151448 . Acesso em: 04 fev. 2025.
Museu e infância	7	1	LEITE, Maria Isabel. Museu: Espaço impulsionador de reconfigurações identitárias docentes. Cadernos CEDES , Campinas, v. 32, n. 88, p. 335-350, dez. 2012. DOI: https://doi.org/10.1590/S0101-32622012000300006 . Disponível em: https://www.scielo.br/j/ccedes/a/czbqCZTNySnFnh8YyxRYg6m . Acesso em: 04 fev. 2025.

⁷ GIAPE: www.giape.ufscar.br

Museu e educação	105	1	ZUCCOLI, Franca. Formar-se com Arte entre Museu e Pré-escola. Educação & Realidade , Porto Alegre, v. 40, n. 4, p. 1045–1060, 15 set. 2015. DOI: https://doi.org/10.1590/2175-623651713 . Disponível em: https://www.scielo.br/j/edreal/a/DQBQjQN4rFFQ77pxQRPJwYB . Acesso em: 04 fev. 2025.
Museu e pedagogia	8	0	
Museu e formação docente	2	0	
Museu e formação de professores	0	0	
Formação artística de pedagogos	0	0	
Mediação cultural	133	2	MARTINS, Mirian Celeste. A casa e a cidade como espaços plurais para encontros com a arte. Cadernos CEDES , Campinas, v. 42, n. 116, p. 7-17, abr. 2022. DOI: https://doi.org/10.1590/CC259134 . Disponível em: https://www.scielo.br/j/ccedes/a/gKq8vBgjLvvpjs7swmkDqjg . Acesso em: 04 fev. 2025. SILVA, Silvia Maria Cintra da; ALMEIDA, Célia Maria de Castro; FERREIRA, Sueli. Apropriação cultural e mediação pedagógica: contribuições de Vigotski na discussão do tema. Psicologia em Estudo , Maringá, v. 16, n. 2, jun. 2011, p. 219-228. Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287122138005 . Acesso em: 05 fev. 2025.

Fonte: A autora.

A segunda base de dados consultada foi o Portal da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo (USP) (<https://www.theses.usp.br/>). Nela, os filtros utilizados limitaram os resultados aos textos de dissertação e oriundos da unidade Escola de Comunicações e Artes da USP. Essas escolhas foram necessárias devido ao alto número de resultados obtidos sem filtros, mas que não dialogavam com o objetivo principal. Um texto foi selecionado.

Tabela 2 – Levantamento bibliográfico no BDTD da Universidade de São Paulo (USP)

BDTD – Portal da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP			
Palavra-chave	Nº de referências encontradas no total	Nº de referências selecionadas para a pesquisa	Títulos selecionados para a pesquisa
Educação museal	155	0	
Museu e infância	39	0	
Museu e educação	182	0	
Museu e pedagogia	84	0	
Museu e formação docente	74	0	
Museu e formação de professores	74	0	
Formação artística de pedagogos	71	1	MAFUD, Gabriela. Experiências de vida, formação e atuação de pedagogas: Arte/Vida em dois atos: Arte/Vida em dois atos. 2019. Dissertação (Mestrado em Teoria, Ensino e Aprendizagem) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de

			São Paulo, São Paulo, 2019. DOI:10.11606/D.27.2020.tde-15012020-153530. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-15012020-153530/pt-br.php . Acesso em: 04 fev. 2025.
Mediação cultural	153	0	

Fonte: A autora.

Por fim, a última base de dados explorada foi o Repositório institucional da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) (<https://repositorio.ufscar.br/>), onde a busca com os descritores foi livre, sem a utilização de filtros. Como é possível visualizar na tabela, um texto foi selecionado.

Tabela 3 – Levantamento bibliográfico no SIBi-UFSCar

SIBi – Sistema Integrado de Bibliotecas da UFSCar			
Palavra-chave	Nº de referências encontradas no total	Nº de referências selecionadas para a pesquisa	Títulos selecionados para a pesquisa
Educação museal	3	0	
Museu e infância	0	0	
Museu e educação	18	0	
Museu e pedagogia	0	0	
Museu e formação docente	0	0	

Museu e formação de professores	0	0	
Formação artística de pedagogos	0	0	
Mediação cultural	11	1	NOGUEIRA, Monique Andries. A formação cultural de professores ou a arte da fuga – 15 anos depois. <i>In</i> : MARTINS, Mirian Celeste; BONCI, Estela; MOMOLI, Daniel (Orgs.). Formação de educadores: modos de pensar e provocar encontros com a arte e mediação cultural. São Paulo: Terracota Editora, 2018. p. 26-34, (Série &arte&educação&cultura&, 2).

Fonte: A autora.

Além do levantamento bibliográfico realizado nas bases de dados, outras referências foram utilizadas como complemento para a pesquisa deste trabalho, como legislação e documentos oficiais, no caso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o Curso de Pedagogia. A partir de citações encontradas nas primeiras referências selecionadas, outras autoras que contribuem com o tema desenvolvido foram inclusas na leitura: Barbosa (2009) (2022), Borges e Ribeiro (2022), Carvalho e Gewerc (2020), Corrêa e Ostetto (2018), Leite (2011), Leite e Ostetto (2011), Lombardi (2021), Martins (2017) (2018), Nogueira (2018) e Ostetto (2011) (2018) (2021).

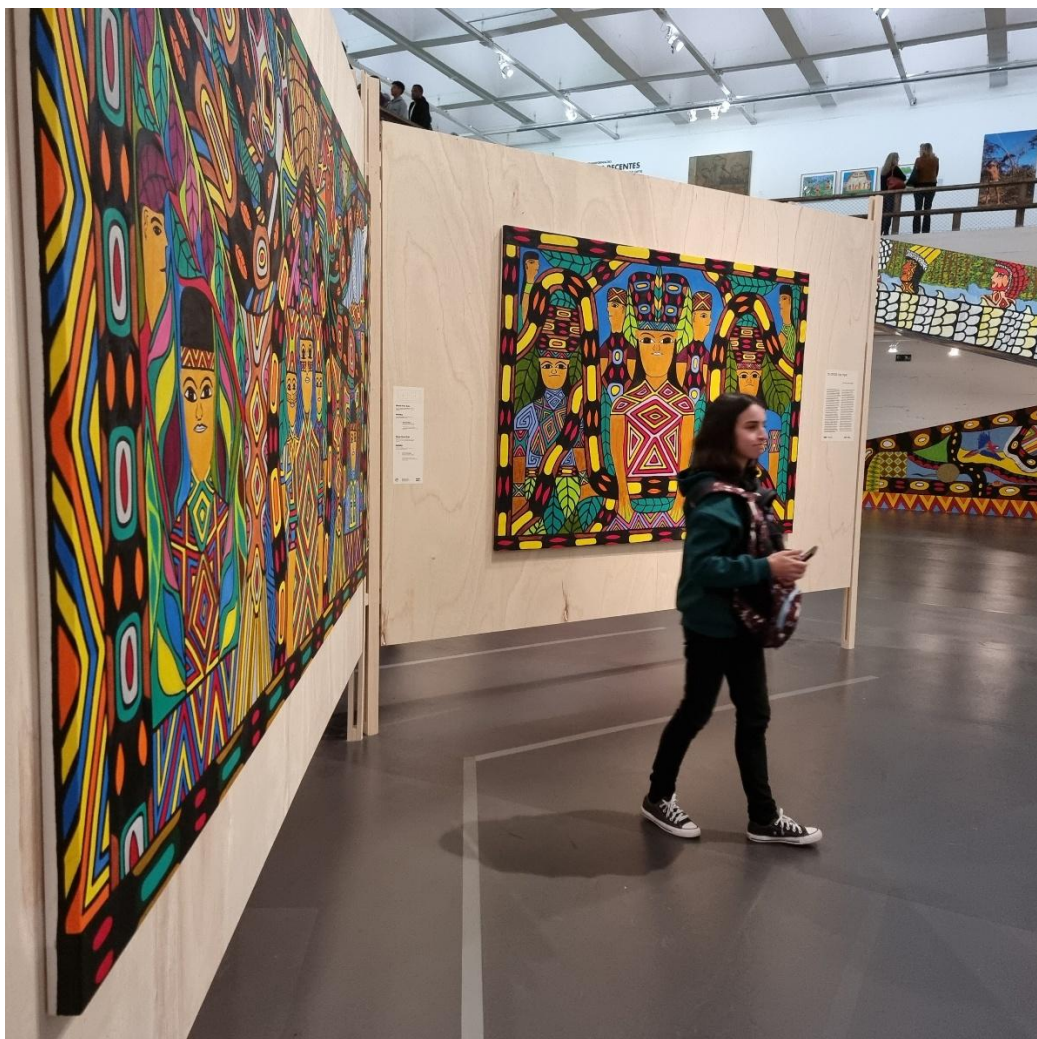
Conforme apresentado desde o Resumo e a Introdução, a metodologia também se apoia na pesquisa narrativa como possibilidade teórico-metodológica, que valoriza os acontecimentos pedagógicos os analisando a partir de diferentes perspectivas e, mais especificamente, nos modos como eles constituem as relações das pessoas com a arte e a educação (Martins, Tourinho, Souza, 2017; Passeggi, 2017).

De acordo com Martins, Tourinho e Souza (2017), as narrativas construídas como atos de formação e transformação de episódios, produzem temporalidades, novas significações e outras histórias de vida que podem desvelar momentos, imagens e visualidades que permaneciam encobertas, justamente porque não visitadas com olhar escrutinador e sensível. Estes autores valorizam histórias de vida, arte e educação como um tríptico que expandem pontos a serem interrogados e transformados.

Conforme estes pesquisadores, a arte institui pontes entre vida e educação que cria condições para entrelaçar reflexões com sensações, sonhos, emoções, exercícios de se colocar no lugar de 'outros'. Criam espaços para interpretar aspectos dos itinerários via reflexão sensível que podem ser transformados em aprendizagem (Martins, Tourinho e Souza, 2017).

Assim, descrevo e interpreto as duas experiências de expedições artísticas vivenciadas por mim durante o curso de Licenciatura em Pedagogia.

Figura 7: Victória no museu, entre olhares e significados. Alimento do saber ancestral das expressões indígenas, conectando história, arte, educação e pesquisa.



Fonte: Fotografia de Lucia Lombardi, em 20 de maio de 2023.

4 CAPÍTULO III: QUADRO TEÓRICO

4.1 O PAPEL DO MUSEU NA EDUCAÇÃO

Dentre os documentos norteadores da educação no Brasil, dois deles são as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o Curso de Pedagogia (Resolução CNE/CP nº 1/2006) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e um ponto em comum entre eles é que ambos destacam a importância da formação artística para pedagogos(as).

As DCN, em seu artigo 5º, inciso VI, menciona que o egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a “ensinar Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, **Artes**, Educação Física, de forma interdisciplinar e adequada às diferentes fases do desenvolvimento humano” (2006). Assim, espera-se que o(a) pedagogo(a), em seu trabalho educativo na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, atue de modo interdisciplinar, inclusive com a Arte, o que significa promover experiências significativas com as diferentes linguagens da arte na escola: música, dança, teatro e artes visuais.

A BNCC, no que tange a Educação Infantil, prevê que o trabalho pedagógico inclua, além dessas quatro linguagens, outras formas de expressão artística que possam decorrer das conexões entre elas. Neste contexto, a Arte é considerada fundamental para a formação das crianças em seus aspectos expressivos, criativos, sensíveis e culturais. Já nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a Arte é dada pela BNCC como componente curricular obrigatório, que deve ser abordada de forma abrangente, incentivando os estudantes a apreciarem, interpretarem e criarem.

É possível notar a necessidade de professores, incluindo pedagogos(as), terem em suas formações possibilidades de construir conhecimentos sólidos sobre as linguagens artísticas para usá-las nas práticas educativas. Assim, se a Arte é reconhecida como essencial à formação de pedagogas pelos documentos legais, por consequência, espera-se que os cursos de Pedagogia incluam em seus planos de ensino contato com as artes, de modo teórico e a partir de experiências práticas.

Em sua dissertação de mestrado, Gabriela Mafud (2019) aponta:

É fundamental que os estudantes de Pedagogia possam não apenas pensar em metodologias do campo da Arte, mas que também possam vivenciar experiências das linguagens artísticas em sua formação. [...] A arte como válvula potente, ato criador em diálogo com as demais linguagens, pode gerar uma práxis docente criadora (Mafud, 2019, p. 65).

O curso de Pedagogia, da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, possui três disciplinas de 60h cada neste sentido, sendo duas delas obrigatórias e uma optativa, todas voltadas à formação artística, que são: “Educação, Corpo e Movimento”, “Metodologia do Ensino de Arte” e “Teatro e Educação”.

Assim, considerando a necessidade e obrigatoriedade prevista em lei de os cursos de Pedagogia promoverem aos seus alunos formação adequada referente ao ensino da Arte, podemos concluir que a visitação à museus apresenta-se como um dos meios para tal, afinal, museus são instituições tanto de viés artístico como educacional.

O Conselho Internacional de Museus (ICOM) aprovou, em agosto de 2022, uma definição de museu que diz o seguinte:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos.

É interessante perceber que essa conceitualização aponta a relação educativa da instituição, assim como o teor formativo, e, apesar da Arte enquanto área de conhecimento não estar presente de forma explícita, a palavra “fruição” é empregada, a qual se relaciona com as experiências do campo artístico.

Para pensar a contribuição dos museus na formação de pedagogos(as), é necessário, primeiro, compreender qual seu papel dentro da sociedade e, precisamente, da educação. De acordo com Maria Isabel Leite (2012, p. 336), o museu enquanto espaço caracterizado por vitrines que exibem objetos destinados à apreciação e contemplação do público é uma ideia enraizada no senso comum originada no século XVIII e que cresceu e se expandiu fortemente no século seguinte pela Europa – épocas em que espaços museais eram ambientes distanciados, voltados a um público seletivo, com a exibição de peças da considerada “*alta cultura*”, reforçando o papel do museu como uma instituição silenciosa e sagrada, guardiã de um patrimônio exposto de forma uníssona e intangível.

No entanto, já no século XX, mais especificamente na década de 1950, na França, o conceito de museu começou a ser revisitado, especialmente no que diz respeito à sua função educativa. Essa transformação teve como objetivo torná-lo mais acessível a públicos diversos, ampliando sua dimensão pedagógica e aproximando-o das vivências das pessoas:

Especialmente desde 1951, o Conselho Internacional de Museus (Icom) e a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) vêm lutando pela consciência desse papel educativo nos museus – uma

proposta que tenha como pressuposto o direito de todos os cidadãos à educação permanente, em todas as dimensões culturais, sem esquivar-se da dimensão crítica do conhecimento. O museu é, então, uma das instâncias educativas da sociedade – entendendo educação como indissociável da cultura (Leite, 2011, p. 28).

Assim, os museus não são apenas locais para aprender sobre a cultura, mas, também, espaços que promovem o aprendizado com a cultura, e “possibilitam que os sujeitos vejam o mundo a sua volta e vejam-se no mundo, em seus diferentes papéis e identidades multifacetadas” (Leite, 2012, p. 345).

Em outras palavras, o autor José Petrucio de Farias Junior (2021, p. 14) diz que a experiência museal convida o público a entrar em contato com realidades e narrativas muitas vezes distintas de suas vivências pessoais, estimulando a observação das singularidades do ‘outro’ no tempo, ao mesmo tempo em que essas experiências se conectam com suas próprias vivências e expectativas. Através de suas exposições, os museus podem desempenhar um papel crucial no desenvolvimento da empatia. Para isso, é fundamental desconstruir a ideia do museu como um espaço reverenciado e sagrado, onde um saber fixo e incontestável é apresentado (2021, p. 20).

Cristina Carvalho e Monique Gewerc (2020, p. 59) destacam que é importante ter ciência que os museus têm o potencial de atuar como espaços de diálogo, crítica e reflexão sobre questões sociais, contudo, também podem servir para perpetuar visões elitistas, eurocêntricas e excludentes, trata-se de uma “escolha política”. No mesmo sentido, Farias Junior (2021) pontua que as narrativas presentes em exposições museológicas são marcadas por intenções e interesses específicos de quem as produz, ou seja, não são neutras, de forma que “o museu também se institui num campo de disputas de/por memórias” (p. 12).

Considerando a dinamicidade enquanto característica museal, marcada pelos sentimentos interrelacionais e a abertura para questionamentos e diálogos, espaço de saberes e aprendizados constantes, Leite (2012, p. 338) nos lembra que, hoje, o visitante dos museus assume um papel ativo na construção de sentidos. Diferentemente do passado, quando era visto como um receptor passivo de ideias fixas, o público contemporâneo é coautor do discurso museológico. Ao interagir com os objetos e as narrativas, os visitantes tornam-se contempladores ativos e produzem cultura, questionam os conteúdos apresentados e estabelecem diálogos que conectam suas experiências passadas e presentes com a imaginação.

As autoras Priscila Borges e Mônica Ribeiro (2022) acreditam que um museu cumpre efetivamente sua função educativa:

[...] quando este forma leitores críticos do mundo, conscientes de seu papel na sociedade. Isto significa, então, que os museus precisam estar comprometidos com o homem em transformação, e para tanto, é necessário que estes consigam fazer com que o visitante seja capaz de refletir de maneira crítica e participativa sobre as mensagens recebidas (Borges; Ribeiro, 2022, p. 57).

De modo complementar, Leite (2012) destaca que museus se configuram como espaços de significação e formação, nos quais aspectos cognitivos e sensíveis se entrelaçam, assim – ainda pensando o papel do museu na educação e de encontro com os objetivos específicos deste trabalho – defende “que o museu pode ser entendido como lócus, também, de marcação de uma identidade docente.” (Leite, 2012, p. 348).

4.1.1 O lugar da educação dentro do museu

Segundo Carvalho e Gewerc (2020, p. 57), não há um consenso estabelecido entre museus e centros culturais sobre o papel que a educação deve desempenhar dentro dessas instituições. Isso resulta em abordagens pedagógicas variadas, com ações educativas que nem sempre são estruturadas ou constantes. Além disso, os autores apontam que há uma ausência de formação específica para os educadores que atuam em museus, o que, conseqüentemente, contribui para uma alta rotatividade desses profissionais que realizam atendimento ao público escolar e aos professores, e destacam que, em muitos casos, as atividades propostas pelos museus para os professores têm como objetivo principal facilitar e potencializar as visitas escolares, geralmente em uma perspectiva de complementação do currículo formal.

Esse último destaque nos leva a refletir que é comum que os museus sejam percebidos como possíveis extensões do ambiente escolar, funcionando como espaços mais tangíveis de conteúdos teóricos trabalhados em sala de aula. Essa concepção não é errada, porém, limita a visita aos museus como prática concentrada em integrar o currículo escolar.

Nos dias atuais, a relação entre as escolas, os serviços educativos e os museus ocupa uma posição central nas atividades de muitas instituições museológicas. No entanto, é fundamental expandir essa interação, oferecendo experiências não apenas para estudantes – focalizadas no currículo escolar – mas também para professores e educadores (Zucoli, 2015, p. 1055).

De modo complementar, Leite (2012, p. 346-347) diz que, nesse contexto, as exposições podem ser aproveitadas como oportunidades para reimaginar os modos de ensinar e aprender, transformando a escola em um espaço de reflexão crítica e problematização.

Borges e Ribeiro (2022, p. 54) afirmam que as exposições museológicas “devem provocar no público a vontade de ver e aprender a partir dos objetos, explorando a cultura material como um disparador de discussões e debates visando à construção do conhecimento coletivo”. Neste sentido, ressaltam a importância de não limitar os museus a papéis ilustrativos ou meramente complementares ao conteúdo escolar, mas, sim, reconhecê-los como locais de produção de saberes, onde os objetos e as narrativas são apresentados não apenas como elementos neutros, mas como instrumentos que podem servir tanto à manutenção das forças hegemônicas quanto à emancipação dos indivíduos.

Em relação à aprendizagem, Borges e Ribeiro (2022, p. 55), ao compreendê-la como um processo dinâmico e não como um resultado estático, evidenciam que:

[...] nos museus, o aprender se dá através de vários vetores, como a não sequencialidade, a ludicidade, o uso da emoção, a vontade de saber, a multisensorialidade, entre outros. A aprendizagem em museus não ocorre pela simples transmissão ou absorção de conhecimentos, consiste em um processo que articula o indivíduo e a sociedade. (Borges; Ribeiro, 2022, p. 55)

As autoras Borges e Ribeiro (2022, p. 57), sob a perspectiva freiriana que concebe a educação como um processo dialógico, crítico e emancipador, concluem que a educação não está presente no museu como um instrumento subordinado a seu serviço, de outro modo, indicam ser essencial que os museus assumam a educação como um suporte, um meio de transformar os visitantes em indivíduos capazes de refletir de forma crítica e autônoma tanto sobre o mundo quanto sobre si mesmos.

4.2 A FORMAÇÃO ESTÉTICA, CULTURAL E ARTÍSTICA DE PEDAGOGAS(OS)

A formação do pedagogo(a) envolve múltiplas dimensões que vão além dos aspectos técnicos e metodológicos do ensino. Entre elas, a formação estética, cultural e artística ocupa um lugar fundamental, pois contribui para a sensibilidade, a criatividade e a ampliação do repertório que impacta na prática docente. A experiência com diferentes manifestações artísticas e culturais enriquece não apenas a trajetória pessoal e profissional, mas também possibilita uma prática pedagógica mais dinâmica e significativa, especialmente no trabalho com crianças, que se expressam e aprendem por meio de diversas linguagens.

O desenvolvimento da expressão e da imaginação do professor é um aspecto fundamental para a promoção da criatividade e da expressão dos educandos. A valorização da sensibilidade artística e do potencial lúdico devem estar presentes na formação docente, permitindo ao educador resgatar e redescobrir suas próprias formas de expressão, visto que

durante seu contato com os alunos, pode ser considerado como pessoa fundamental na mediação das crianças no mundo da cultura e da Arte (Ostetto, 2011, p. 12).

Conforme aponta Luciana Ostetto (2018, p. 168), nossa formação estética é um processo contínuo e socialmente construído, influenciado pelas referências culturais, históricas e sociais dos grupos aos quais pertencemos, assim, a maneira como cada sujeito percebe e atribui significado ao mundo resulta das experiências, hábitos e valores compartilhados ao longo de sua trajetória. Esse processo nos leva a constituir “repertórios vivenciais e socioculturais”, os quais podem tanto ampliar quanto limitar as possibilidades de criação, imaginação e reinvenção da própria existência.

Para compreender melhor o que tanto abarca esses repertórios tão importantes para a prática docente, é necessário conceitualizar os termos empregados.

A autora Monique Andries Nogueira (2018, p.27) nos introduz à conceitualização de “formação cultural” – uma combinação de termos que, isoladamente, já apresentam múltiplos significados. Enquanto a noção de *formação* abrange um campo amplo de interpretações, podendo dialogar tanto com perspectivas humanísticas quanto com abordagens mais tecnicistas e reducionistas, o termo *cultura* apresenta um espectro conceitual diversificado, que transita da mesma perspectiva das humanidades até definições de caráter mais naturalistas.

Nesse contexto, a autora considera válido ressaltar que a formação a qual se refere não é aquela relacionada às marcas culturais tradicionalmente analisadas pelo campo da antropologia e mais íntima das ciências sociais, diferentemente, refere-se a um processo de ampliação dos referenciais estéticos, capaz de estimular a reflexão e despertar sensações, “que alimenta tanto o cérebro quanto a alma, a partir do contato com a obra de arte” (Nogueira, 2018, p. 27).

Nogueira (2018), no discorrer de suas ideias, resume a concepção de formação estética, cultural e artística de professores na expressão “formação cultural”. A partir dessa nomenclatura, a autora esclarece:

trato aqui desse campo de graduais e ricas experiências de contato com a obra de arte que possibilitam uma ampliação de referenciais, de visões de mundo, no sentido de garantir ao professor não só seu direito de fruir o patrimônio cultural desenvolvido pela humanidade há séculos, como o de seus alunos de serem apresentados a ele (Nogueira, 2018, p. 28).

Segundo a autora (2018, p. 28), há estudiosos do tema que preferem utilizar expressões como “formação estético-cultural” ou “formação estético-artístico-cultural” para explicitar o foco da discussão. No entanto, argumenta que tais termos podem gerar ambiguidades, e por esse motivo prefere manter a expressão inicial anteriormente mencionada.

Em sua justificativa, Nogueira (2018) aponta que o conceito de experiência estética, por exemplo, não se restringe ao contato com a arte, podendo emergir de outras vivências, como a contemplação da natureza. Da mesma forma, considera que a inclusão do termo "artístico" pode ser interpretada como uma formação técnica e especializada para profissionais da arte, isto é, artistas, o que desviaria a atenção do objetivo central: proporcionar ao professor, que não é especialista na área, um repertório estético que enriqueça sua vivência pessoal e sua prática pedagógica.

De outro modo, Ostetto emprega o termo “formação estético-cultural” para se referir à temática de formação docente, e aponta que esse tipo de experiência se mostra essencial, pois, além de impactar diretamente nos processos de ensino-aprendizagem, ela ressalta que é difícil para um professor incentivar nas crianças aventuras estéticas se ele próprio não teve a oportunidade de vivenciá-las:

É imprescindível, portanto, convidar aqueles em formação a irem lá onde estão artes e artistas, de modo a provocar movimentos para, quem sabe, deslocar o olhar, fecundar a imaginação, ampliar repertórios imagéticos, estéticos, culturais, políticos. Além do que, criar tempos e espaços que favoreçam o reencontro do professor com sua dimensão lúdica, criadora, poeta, é essencial, haja vista que esse processo abre caminhos para o encontro com as crianças, para reconhecer suas linguagens e potencializar a poesia em seus saberes e fazeres (Ostetto, 2021, p. 483).

A autora também pontua que a presença da Arte na educação não se restringe à realização de atividades isoladas, e complementa que a educação estética é aquela expressa por meio de todos os sentidos, que envolve a totalidade do olhar, da escuta e do movimento, além de ser uma prática diária e que ultrapassa os limites do ensino de Arte (2011, p. 5).

Em outras palavras, “a educação estética diz respeito à educação de si mesmo, das relações com os outros e o mundo: educamo-nos esteticamente para tornarmo-nos humanos e a medida em que nos fazemos humanos.” (Corrêa; Ostetto, 2018, p. 26).

Em relação à formação artística, Leite e Ostetto (2011) dizem que a Arte se configura numa área que “tem na transgressão a mola propulsora de sua construção” (p. 11), o que gera uma relação conflituosa com as instituições de ensino – da educação infantil ao ensino universitário – já que estas, ao contrário, fundamentam-se na normatização. No entanto, as autoras pontuam que, apesar dessa dificuldade, é crescente o reconhecimento da necessidade de repensar essa formação de professores por uma outra dimensão. Além disso, complementam que

Ao refletirmos sobre a contribuição da arte na formação de professores, estamos, de alguma forma, dialogando com concepções e práticas. Nessa direção, a experiência de incorporar saídas da sala de aula para ver de perto,

contemplar, apreciar obras de arte em galerias, museus, teatros, palcos de dança torna-se uma direção importante (Leite; Ostetto, 2011, p. 19).

Neste ponto, é importante ressaltar, também, a importância da Abordagem Triangular do ensino da Arte, proposto por Ana Mae Barbosa, que tange a formação artística de forma geral e, conseqüentemente, na formação docente.

A Abordagem Triangular (AT) constitui uma referência fundamental no ensino da Arte, sendo amplamente utilizada em todos os níveis da educação. Essa abordagem estruturou a prática da leitura de imagem, da obra ou do campo de sentido da Arte no contexto educacional, promovendo uma articulação entre os processos de percepção, cognição, análise e criação. Para isso, a AT organiza-se em três eixos principais: “fazer arte”, que envolve a experiência prática e expressiva; “ver e ler imagens e obras”, que desenvolve a capacidade de análise e interpretação; e “contextualizar”, permitindo a compreensão das produções artísticas a partir de seus aspectos históricos, sociais, vivenciais, subjetivos, entre outros (Barbosa, 2022, p. 2).

A autora destaca que

O objetivo é desenvolver a percepção e a imaginação para capturar a realidade circundante (pela imaginação descobrimos o que não existe na realidade). Desenvolver a capacidade crítica para analisar, imagens, objetos e a realidade percebida. Estimular a capacidade criadora não só para materializar o imaginado, mas também para responder adequadamente à realidade percebida e analisada modificando-a ou transformando-a (Barbosa, 2022, p. 2).

Pensando na visitação a museus como parte fundamental desta pesquisa, destaco que vou me referir a essa ação como “formação artística de pedagogas”, afinal, visitar museus proporciona aos sujeitos momentos de contato direto com as artes visuais, promovendo, assim, a formação para a leitura de obras de Arte, como prevê a AT, concebida por Ana Mae Barbosa.

Apesar da visitação a museus ser, em um primeiro patamar, um ato que forma a pessoa artisticamente, reconheço que essa formação envolve, também, as dimensões cultural e estética, dada a identificação com as conceitualizações apresentadas anteriormente. Visitar museus é uma experiência que nos permite conexão com culturas variadas, além de despertar múltiplos sentidos envolvidos na leitura das obras assistidas. Como dizem Carla Corrêa e Luciana Ostetto (2018, p. 35):

Ao compreendermos que o contato com a obra de arte nos provoca e pode multiplicar nossas percepções, sentimentos, lembranças e intuições, gerando aprendizagens surpreendentes sobre o vivido, as propostas de formação de professores precisam garantir o contato efetivo com a arte. Ir a exposições, apreciar filmes, peças teatrais e espetáculos de dança devem fazer parte da formação do professor, em sua dimensão estética e cultural.

4.2.1 Pedagogas(os) enquanto mediadoras(es) culturais

De acordo com a definição dada por Mirian Celeste Martins (2018), no glossário do Caderno da Política Nacional de Educação Museal (PNEM), o conceito de mediação tem origem no latim *mediatio*, derivado do verbo *mediare*, que remete à ideia de estar no meio ou dividir pela metade. No senso comum, influenciado pelo uso jurídico, a mediação costuma ser compreendida como uma "ponte" entre lados opostos. No entanto, no campo da educação, arte e cultura, essa noção se amplia, implicando um posicionamento mais dinâmico e relacional, no qual o ato de "estar entre" possibilita a construção de múltiplas conexões entre sujeitos, objetos, espaços e contextos.

Assim, considerando o ser humano como um ser histórico e social inserido em sua cultura, a mediação é compreendida como interação e diálogo que valoriza e dá voz ao outro, ampliando horizontes que levam em conta a singularidade dos sujeitos em processos educativos na escola ou fora dela. Podemos denominá-la como “mediação cultural” (Martins, 2017, p. 85).

De modo complementar, Ana Mae Barbosa (2009, p. 13) nos diz que a conceitualização de educação como mediação tem sido desenvolvida ao longo dos séculos, assumindo diferentes interpretações conforme o pensamento pedagógico de cada período. Desde a Antiguidade, Sócrates já associava a educação à parturição das ideias, sugerindo que o professor desempenhava o papel de assistente e mediador nesse processo. Posteriormente, teóricos como Rousseau, John Dewey e Vygotsky enfatizaram diferentes agentes da aprendizagem – seja a natureza, o sujeito ou o grupo social – atribuindo ao professor a função de organizador, estimulador, questionador e facilitador do conhecimento. Em conclusão, afirma: “o professor mediador é tudo isso”.

Ainda segundo Barbosa (2009, p.13), a Arte desempenha um papel fundamental na mediação entre os seres humanos e o mundo, o que confere à arte/educação a responsabilidade de ser a mediação entre a produção artística e o público. Neste contexto, os museus emergem como espaços privilegiados para essa mediação, funcionando como laboratórios de conhecimento artístico.

A Arte, enquanto linguagem sensível, possui a capacidade única de transmitir significados que não podem ser plenamente expressos por outras formas de linguagem, como a discursiva ou a científica. Seu caráter não restritivo e seu afastamento de julgamentos rígidos sobre certo e errado favorecem uma postura exploratória, estimulando a curiosidade e o desejo de aprendizagem. Além disso, a Arte desempenha um papel essencial no desenvolvimento da percepção e da imaginação, possibilitando uma apreensão mais profunda da realidade, bem

como no fortalecimento da capacidade crítica, permitindo uma análise reflexiva do contexto em que se está inserido. Dessa forma, a criatividade, impulsionada pelo contato com a Arte, torna-se um instrumento transformador, possibilitando a ressignificação e a mudança da realidade analisada (Barbosa, 2009, p. 21-22).

Martins, ao mencionar as experiências estéticas, apresenta, com crítica, um jogo de palavras ao apresentar “estética” como “estésica” (no sentido de estesia) – enquanto nossa sociedade associa o primeiro termo à beleza externa, ela completa que

Uma experiência estética, ou estésica, não se dá apenas frente à beleza de obras, mas também frente ao estranhamento, ao soco no estômago, à incômoda sensação do que não se sabe, do que espanta, do que encanta sem sabermos bem porquê (Martins, 2017, p. 6).

A mediação cultural no campo da arte exige a criação de experiências que envolvam os sujeitos em um contato significativo com a produção artística, promovendo aquilo que Martins (2017, p. 6-7) denomina de "abraço estésico". Para isso, é necessário desconstruir concepções elitistas que, historicamente, restringiram a Arte a um grupo seletivo, seja por meio do mito do “dom”, seja pela ideia de que apenas determinados indivíduos possuem "cultura", ignorando o fato de que todos estão imersos em suas próprias referências culturais. “Não basta dar acesso, abrir as portas dos museus e das obras pela internet. Não basta oferecer informações e ampliar o conhecimento sobre obras, contextos, processos...” (Martins, 2017, p. 7).

Ao lembrar sua pesquisa de mestrado e atuação em formação de educadores, Martins (2017) aponta para a necessidade de despertarmos, em ações e reflexões, para “um olhar que pensa sensivelmente, que mergulha no que vê com todo o corpo, aprendendo a ver” – o que ela denomina como “sensível olhar-pensante” (Martins, 2017, p. 7).

O processo de "aprender vendo" deve ser intencionalmente promovido na educação, pois a capacidade de percepção visual e sensível não se manifesta de forma automática para todos. Cabe aos educadores criarem oportunidades para que esse olhar seja exercitado e ampliado, permitindo que os sujeitos desenvolvam uma relação mais profunda com a Arte e a cultura. Desde os primeiros momentos da vida, a experiência visual está presente, “quando o pequeno bebê abre seus olhos e é recebido pelo sorriso dos pais, pelos brinquedos no berço, pelos primeiros passeios para o banho de sol” (Martins, 2017, p. 8), assim, a mediação cultural se inicia ainda na infância.

A partir dessa perspectiva, Martins (2017) nos propõe questionamentos: quais foram nossos primeiros mediadores? Quem nos conduziu aos primeiros encontros com a Arte e a

cultura? Questões que nos levam a refletir acerca desse papel que a pedagoga, na função educativa e em contato com crianças e jovens, evidentemente desempenha.

4.3 EXPEDIÇÃO CULTURAL: MASP EXPOSIÇÃO MAHKU MIRAÇÕES + GALERIA ERNESTO FERRO: NARRATIVA DA EXPERIÊNCIA DE UMA FUTURA PEDAGOGA

Durante o primeiro semestre letivo de 2023 da UFSCar, estive matriculada em cinco disciplinas obrigatórias do curso de Pedagogia, entre elas, “Metodologia do Ensino de Arte”, ministrada pela professora Dr^a. Lucia Lombardi. Ao longo dos quatro meses que compuseram o período de aulas – que teve início em 08 de maio e terminou no dia 09 de setembro – muitas práticas foram vivenciadas dentro da disciplina mencionada. Como contribuição ao tema de pesquisa do presente trabalho, apresento a narrativa de duas delas e o quanto impactaram no meu processo formativo.

No dia 20 de maio, ainda no princípio do semestre letivo, aconteceu a expedição cultural ao Museu de Arte de São Paulo (MASP), um convite às(aos) estudantes do curso de Pedagogia da UFSCar *campus* Sorocaba com o objetivo principal de visita à Exposição “MAHKU: Mirações”.

Uma breve conceitualização acerca do nome da exposição diz muito sobre sua proposta. O Movimento dos Artistas Huni Kuin (MAHKU) surgiu em 2013 como um coletivo formado por artistas da etnia Huni Kuin, que vivem entre o município de Jordão e a aldeia Chico Curumim, na Terra Indígena Kaxinawá, no estado do Acre. Atualmente, o grupo se consolidou como uma das referências mais importantes da arte contemporânea no Brasil, especialmente no campo da produção artística indígena.

Muitas das obras criadas pelo coletivo traduzem visualmente os cantos *huni meka*, que fazem parte dos rituais associados ao uso da ayahuasca, uma espécie de chá de origem amazônica com propriedades alucinógenas, utilizado há séculos por povos diversos na América do Sul.

As mirações são visões proporcionadas pela ayahuasca – por isso o termo empregado no título da exposição – e servem de base para o trabalho dos artistas do MAHKU. Suas pinturas e desenhos representam não apenas essas experiências sensoriais, mas também narrativas míticas e histórias ancestrais que tratam do surgimento do mundo e da relação entre diferentes espécies. Esses elementos são fundamentais para a cultura Huni Kuin, pois orientam sua compreensão sobre a humanidade e os vínculos estabelecidos com animais, vegetais e seus espíritos.

Recordo das cores vivas, fortes e da ideia psicodélica nas pinturas do MAHKU, eram fantásticas e com traços e marcas muito únicos e específicos do grupo. A exposição não era linear, era possível passar pelas pinturas, esculturas, murais e instalações de modo espontâneo sem prejuízo de algum entendimento baseado em sequência. E destaco a famosa escada-rampa do MASP, que na ocasião foi base para uma pintura e tornou-se uma ponte do povo Huni Kuin, assim, além das questões técnicas e culturais daquele trabalho, havia muito significado cultural, não apenas nas obras, mas também no museu enquanto espaço que se reinventa em prol das exposições.

Temos muito que aprender no diálogo com a arte, com os artistas e as suas obras, com os museus e espaços culturais. Você já reparou na diversidade de formas das exposições realizadas nos espaços museais? Na multiplicidade de cenários que são constituídos para expor diferentes obras? (Ostetto, 2011, p. 9).

Para além do próprio MASP, a localização do museu e o seu entorno foram capazes de oferecer outras experiências culturais após a visita da exposição principal, neste sentido, a Avenida Paulista é um lugar privilegiado em questão de acesso a programas e atividades culturais. Outros lugares que puderam ser visitados nesta ocasião foram o Sesc Avenida Paulista, os centros culturais Japan House São Paulo e Itaú Cultural. Ainda assim, além dessas instituições formais, as ruas, a cidade em si, acabam sendo, também, ambientes que possibilitam trocas e construção de conhecimentos.

Martins (2022, p. 8) nos diz que “a arte ali está, nas casas e nas cidades, às vezes escondida ou não percebida como espaço e lugar da cultura, da vida”. Essa citação nos faz pensar que visita a museus, ao expandir os aprendizados para além das salas de aula, proporciona formação não só nos locais visitados como, também, no trajeto e seu entorno. A aprendizagem assume formas e possibilidades diversas.

A autora, em seus escritos, nos apresenta o termo “ambiência”, que se refere não apenas ao meio material e estrutural, mas também às condições sociais, culturais, estéticas e afetivas que envolvem e influenciam os indivíduos. Diante disso, a autora nos questiona: de que maneira os espaços e seu entorno podem ser utilizados didaticamente? Como é possível potencializar uma ambiência (espaço/lugar) com propósito educativo, por meio da reflexão, do planejamento e da implementação de processos metodológicos e ações? (Martins, 2022, p. 11). Ela complementa:

A busca, investigação, análise e descobertas de potencialidades criativas em ambiências educadoras tenta impulsionar caminhos para o estudo e criação de propostas de intervenções pedagógicas que contribuam com a formação docente, com base na concepção interdisciplinar e valorização de múltiplos

lugares de ensinar e aprender. Nesse contexto é relevante a investigação da ambiência educadora e criadora na relação do meio em que pode acontecer a aprendizagem pensando nos aspectos estruturais físicos, recursos e materiais oferecidos, mobilidade e acessibilidade, nas relações entre as possibilidades de experiências sensoriais, cinestésicas, estésicas e estéticas, além das atribuições simbólicas sociais, culturais e educacionais (Martins, 2022, p. 12).

Visitar a exposição “MAHKU: Mirações” foi, sobretudo, uma oportunidade de estudar a cultura e as artes dos indígenas Huni Kuin de forma prática e impactante, abarcando dimensões estéticas, culturais e artísticas. E enquanto essa ação necessitou de esforços organizacionais maiores, por envolver um maior número de pessoas e um destino um pouco mais longe, a segunda experiência a ser relatada ocorreu no mesmo município onde fica localizada a universidade, e foi restrita ao grupo que compunha a disciplina.

A experiência de visitar a galeria-ateliê do artista Ernesto Ferro⁸ aconteceu como proposta em “dois atos” dentro da disciplina “Metodologia do Ensino de Arte”. Assim, por duas noites, as aulas que seriam originalmente na sala ATLab 017 no térreo do prédio de Aulas Teóricas e Laboratórios (ATLab), conhecido como prédio roxo (desbotado) da UFSCar *campus* Sorocaba, ocorreram no bairro Trujillo, em Sorocaba, neste lugar que funciona tanto como galeria para exposição de trabalhos do artista, quanto como ateliê de seus estudos e criações, ademais, como afirma Lombardi (2021, p. 373) é “[...] um lugar que promove grande fortalecimento do direito das pessoas de acesso à cultura contemporânea e de ampliação do repertório estético de profissionais da Educação”.

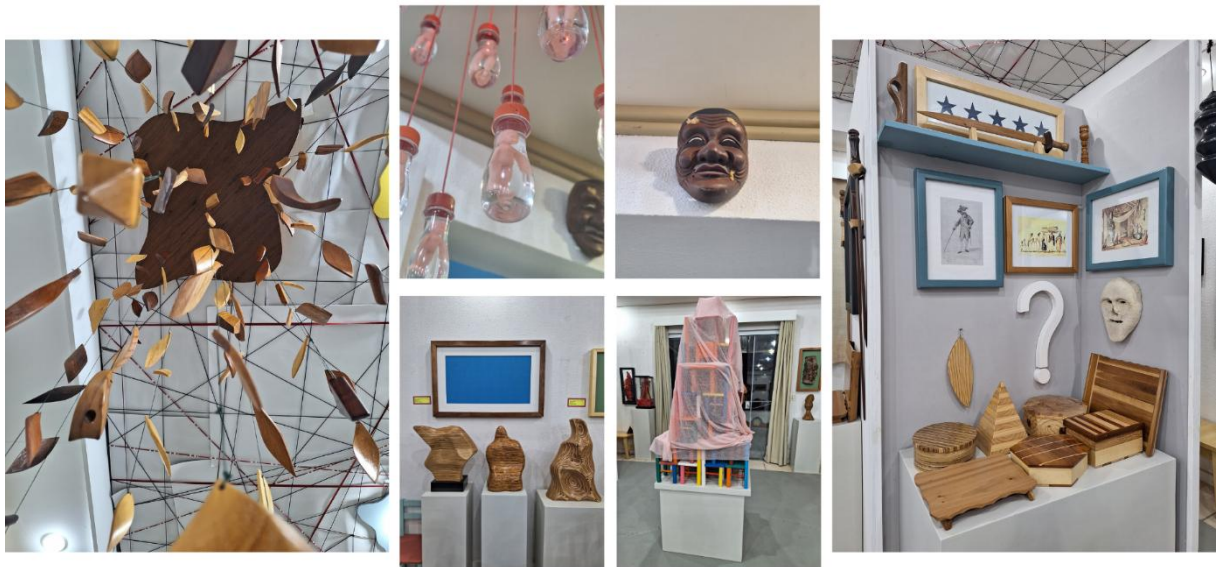
Ernesto Ferro é escultor de madeira e artífice profissional de marcenaria, e suas áreas de pesquisa são História da Arte, Filosofia, Literatura e as diversas modalidades de Arte. Tendo a madeira como elemento principal de seus trabalhos – com a qual investiga e cria possibilidades de expressão, aplicação de técnicas e interação com outros materiais – suas criações, que abrangem desde esculturas a instalações e intervenções, visam conduzir o espectador a uma experiência que ultrapassa os limites da forma e da cor, aproximando-o de uma dimensão sensorial e conceitual ampliada (Lombardi, 2021, p. 376).

Na primeira noite na galeria-ateliê, no dia 25 de julho de 2023, o encantamento com o lugar foi imediato, antes mesmo da “aula” começar, isto é, a conversa com o artista e as práticas de experimentação artística. Poder estar presente e circular pelo ambiente foi o suficiente para despertar deslumbre e curiosidade por cada obra, objeto, pelo conjunto de tudo e a maneira como os espaços eram organizados. Nesta ocasião, Ernesto convidou a nós, visitantes, a

⁸ No artigo denominado “Estudantes de Pedagogia em expedição ao ateliê do artista contemporâneo: encontramos o leão na selva”, a autora Lucia Lombardi apresenta o ateliê e algumas das obras do artista.

ocuparmos o lugar de artistas e, com a intenção de uma dinâmica, deu a cada pessoa um conjunto de peças de madeira que se encaixavam e, ao final, formavam uma miniatura de cadeira. Após a proposta de montar esse objeto, realizamos a pintura com tinta guache.

Figura 8: Leitura de cores, formas, texturas, detalhes e surpresas na Galeria/Ateliê do artista Ernesto Ferro.



Fonte: Montagem com fotos do acervo pessoal da autora.

Essa primeira noite foi uma visita previamente planejada na estrutura da disciplina, visto ser uma prática colaborativa da formação cultural e artística dos alunos licenciandos de Pedagogia. As autoras Corrêa e Ostetto (2018) afirmam que:

Falar de formação cultural é apontar a necessidade de oportunizarem-se espaços para a criação, para a experimentação, para o contato com os bens simbólicos da cultura, seja no museu, no ateliê do artista ou na oficina do artesão (Corrêa; Ostetto, 2018, p. 26).

Assim, a experiência estética proporcionada pela visita ao ateliê estimula a prática de um olhar questionador e reflexivo sobre o ato de ver e fruir, compreendendo-o como um processo permeado por informações que influenciam identidades e aprendizagens (Lombardi, 2021, p. 388).

A segunda noite na galeria-ateliê aconteceu duas semanas após a primeira, em 08 de agosto. De modo um pouco diferente da vez anterior, nessa teríamos duas apresentações de trabalhos em grupo dos alunos, uma com o tema “O desenho da criança” e outra sobre “Arte Afro-Brasileira”. Eu participei do grupo responsável pelo segundo tema, e posso dizer que a pesquisa e apresentação do trabalho foi totalmente reformulada pensando no espaço e ocasião

de apresentação, foi muito significativo poder viver essa experiência na galeria-ateliê, de tal modo que, enquanto grupo, visamos abordar os conteúdos trabalhados na forma de exposição, possibilitando apreciação, leitura, interação com os materiais preparados e diálogos. Foi uma oportunidade de colocar em prática os ensinamentos da disciplina. Lombardi (2021, p. 389-390) escreveu que “aproximar quem aprecia de quem cria tem significado a possibilidade de ler a visão de mundo de quem se expressou, conhecer a particularidade do autor e ser um/a tradutor/a dessa visão”, acredito que procuramos agir neste sentido.

Diante desse ato de reformular a apresentação de trabalho, surge a questão indagada pelo Prof. Me. Thiago Consiglio⁹: o que o espaço expositivo de artes visuais provoca que gera mudanças no planejamento de uma aula? O que a sala de aula não faz/oferece que é diferente do espaço museológico e/ou espaço expositivo?

Referente ao assunto, a autora Andréa Falcão (2009, p. 20) nos diz que “a escola e o museu têm diferentes propostas e são diferentes espaços educacionais”. Com base em diferenças propostas por Allard et al. (1996), esses espaços se diferenciam em relação ao seu objeto, à forma como se relacionam com o público, à natureza das atividades oferecidas, à maneira de apresentar o conteúdo, além do tempo e da periodicidade das ações realizadas (Falcão, 2009, p. 20).

A mudança no planejamento e execução do trabalho ocorreu diante deste embasamento. Enquanto grupo de estudantes de uma disciplina voltada ao ensino de Arte, nossa concepção de educação atrelada ao espaço da sala de aula era muito mais voltada aos modelos tradicionais – envolvida pela ideia de explanação de ideias e conceitos por meio de apresentação de seminários, com possíveis dinâmicas possibilitadas pelo espaço da sala de aula, composta por carteiras individuais.

A partir da mudança de ambiente – o espaço expositivo é muito mais vívido, com convite à coletividade e à circulação – nossa concepção se voltou às possibilidades de exposição criativa, e entre as pesquisas de como possibilitar isso, revisitamos nossa própria bagagem cultural e nos lembramos de como aprendemos ideias e conceitos em ambientes de artes visuais – como museus. Assim, nossa intenção principal foi usar a voz para explicações teóricas, mas criar, primeiro, um espaço educador através da apreciação e leitura de materiais visuais.

⁹ Questionamento formulado pelo Prof. Me. Thiago Consiglio na ocasião da defesa do Trabalho de Conclusão de Curso na Licenciatura em Pedagogia intitulado “O papel da visitação a museus na formação de Pedagogos(as)”, de Victória Cristina Vieira Menino, em 20 de fevereiro de 2025, às 14h30, no prédio CCHB 2, 1º andar, sala 2 101 da UFSCar.

Figura 9: Apresentação/Exposição do trabalho “Arte Afro-Brasileira” no espaço da galeria/ateliê.



Fonte: Montagem da autora com fotos do acervo de Lucia Lombardi.

Nessa mesma noite, em agradecimento à receptividade e abertura da galeria-ateliê, uma releitura criada coletivamente do livro infantil intitulado “Ernesto” foi feita e apresentada como homenagem ao artista de mesmo nome, foi um tanto quanto emocionante. Além do processo de ensino-aprendizagem ali estimulado, foi, também, uma ocasião repleta de afetividade e sentimentos de confraternização.

Figura 10: O artista Ernesto Ferro durante o compartilhamento do seu universo particular com o grupo da disciplina Metodologia do Ensino de Arte.



Fonte: Acervo de Lucia Lombardi.

Eu diria que, ao todo, foi uma experiência de formação em Artes Visuais que reverberou de modo estético, cultural e artístico, importantes contribuições no nosso processo de formação, mas que conseguiu ir até além dessas três dimensões, no tocante às relações interpessoais. Como afirma Silva, Almeida e Ferreira (2011, p. 223), “Enfim, experiências pedagógicas concretas, vivenciadas como estudante e como docente, assim como todas as demais experiências da vida cotidiana, igualmente vão formando um arcabouço que embasa as ações pedagógicas.”

De modo geral, tanto a visita ao MASP quanto à galeria-ateliê de Ernesto Ferro podem ser denominadas como expedições artísticas. Como afirmado por Lombardi (2021), são experiências que buscam promover uma fruição ativa e criativa, e a leitura de obras capaz de reconstruir ideias e incentivar um novo olhar sobre o mundo, atribuindo significados ao que é visto. “Que no ato da percepção sejamos de fato capazes de fazer conexões, vendo os significados das coisas mediante o sentir e o pensar crítico” (Lombardi, 2021, p. 388).

É interessante e significativa perceber que, em ambas as experiências – as quais participei enquanto estudante da graduação – a professora responsável pela disciplina e que estava à frente

das propostas artísticas, Lucia Lombardi, foi quem realizou o papel de mediadora cultural nas visitas aos espaços expositivos. Nestes casos, a mediação foi feita de forma preparatória, em aulas anteriores à visita, e também nos lugares visitados.

A professora Lucia preparou e disponibilizou materiais com informações relevantes sobre o trabalho do artista Ernesto Ferro, e ministrou uma aula anterior à primeira visita à galeria-ateliê sobre as obras dele, além de abordar assuntos como: os significados da mediação cultural feita por Pedagogos(as) com as crianças; sobre como poderíamos ler arte e refletir sobre ela; sobre como poderíamos fazer registros imagéticos na visita e exercitar sensivelmente os nossos olhares.

No caso da ida a São Paulo, além das informações que antecederam a expedição, a docente também realizou a tarefa de mediadora no próprio museu. No MASP, conforme informado no site do museu no tópico sobre mediação¹⁰, *professores(as) que levam grupos ao museu devem fazer a visita com independência nas exposições, segundo seus próprios interesses*. Podemos concordar que a instituição em questão é um museu muito importante, porém, não é uma referência para o trabalho educativo feito por pessoas, pois opta por não ter educadores(as), de outro modo, disponibiliza dispositivos que auxiliam os visitantes.

Neste sentido do pensamento sensível e crítico, foi possível observar que as visitas aos espaços de arte representam uma proposta formativa que, conforme afirma Paulo Freire (1992), não subestima o saber que resulta da experiência sociocultural. E conforme Maria da Conceição Passeggi (2017), construir narrativas sobre as vivências convoca futuras(os) Pedagogas(os) a uma atitude essencial à autoformação que é a de dar coerência ao vivido, por vezes cercado de incoerências, com abertura à crítica. O sujeito biográfico se constrói pelo encantamento estético da arte.

¹⁰ Disponível em: <https://masp.org.br/mediacao>.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa acerca da questões-problema norteadora do trabalho – “Qual é a contribuição da visitação a museus na formação de pedagogas(os)?” – possibilitou uma melhor compreensão acerca dos papéis sociais e, sobretudo, educativos que os museus desempenham na formação de indivíduos que visam atuar na docência. A literatura disponível sobre o tema indicou que as instituições museológicas promovem formações nas dimensões cultural, estética e artística.

Neste sentido, a pesquisa bibliográfica apresentou fundamentos para a conclusão de que a ação de visitar museus pode ser concebida como formação artística de pedagogas(os). Logo, essa visitação tem sua importância justificada pela própria legislação educacional, que certifica às pedagogas(os), tanto em formação inicial quanto continuada, o direito de estudar sobre as artes e, da mesma forma, o dever de assegurar esse ensino aos seus educandos. Afinal, a ação de visitar museus proporciona leitura das obras, fundamentada pela Abordagem Triangular no ensino da arte, além de propiciar formação estética e cultural, como apontou Nogueira (2018) e Ostetto (2011, 2021). Assim:

Assumir o enfoque em experiências culturais e artísticas em cursos de formação de professores, prevendo encontros com a arte, a exploração de materiais e fazeres de criação, contribui para a ampliação de seus repertórios vivenciais e culturais e, conseqüentemente, seu potencial criador (Corrêa; Ostetto, 2018, p. 26).

Expandir os repertórios vivenciais e culturais da pedagoga(o) também diz respeito à contribuição para sua atuação como mediadora cultural. Para que a educadora possa realizar essa mediação de forma crítica e sensível, promovendo desde a infância o encontro dos alunos com a arte e cultura, é necessário que ela própria vivencie experiências – tais como expedições culturais – que suscitem o que Martins (2017) denominou de “abraço estésico”, e, mais uma vez, como apontou Barbosa (2009), museus são exemplos para tal.

Nas palavras de Mafud (2019, p. 134), “reviver as memórias, refletir sobre a experiência, é reconhecer uma amplitude de possibilidades frente à vida, é buscar outra situação”. E foi a partir das minhas memórias e experiências com arte ao longo de toda a trajetória no ensino básico, e, mais recentemente, no curso de Pedagogia, que cheguei ao tema de pesquisa do trabalho e, agora, busco me aprofundar na questão, além de reconhecer com mais embasamento e clareza a potencialidade existente na formação que o contato com a arte nos permite, por conseguinte, em como museus são espaços privilegiados não só de encantamentos, mas de formações.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. Leitura da imagem e contextualização na arte/educação no Brasil. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 9, 2022. DOI: 10.22456/2357-9854.127855. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/127855>. Acesso em: 31 jan. 2025.
- BARBOSA, Ana Mae. Mediação cultural é social. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (Orgs.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 13-22, (Arte e Educação).
- BORGES, Priscila; RIBEIRO, Mônica. Aprendizagem histórica em museus: educar para autonomia. In: CASTRO, Fernanda *et al* (Orgs.). **Paulo Freire e a educação museal: dos vínculos históricos às ações para o esperar**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2022. p. 52-59, v. 6, (Educação museal: conceitos, história e políticas). *E-book*. Disponível em: <https://app.docvirt.com/mhn/pageid/75855>. Acesso em: 28 dez. 2024.
- BARROS, Manoel de. As lições de R. Q. In: BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 75.
- BRASIL. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/historico/>. Acesso em: 29 jan. 2025.
- BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia. Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 92, p. 11, 16 mai. 2006. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/resolucoes/resolucoes-cp-2006>. Acesso em: 29 jan. 2025.
- CARVALHO, Cristina; GEWERC, Monique. Professores nos museus: uma presença desejada e necessária. In: CASTRO, Fernanda; SOARES, Ozias; COSTA, Andréa (org.). **Educação museal: conceitos, história e políticas**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2020. p. 55-66. v. 4. *E-book*. Disponível em: <https://app.docvirt.com/mhn/pageid/75855>. Acesso em: 16 dez. 2024.
- CORRÊA, Carla Andréa; OSTETTO, Luciana Esmeralda. Sobre formação estética e docência: as professoras de educação infantil desejam mais arte! **Laplage em Revista (Sorocaba)**, v. 4, n. Especial, p.23-37, set/dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.24115/S2446-622020184especial583p.23-37>. Disponível em: https://fiar.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/173/2019/02/Laplage-em-Revista_CORR%C3%8AA_OSTETTO.pdf. Acesso em: 28 dez. 2024.
- FALCÃO, Andréa. Museu como lugar de memória. In: Salto para o Futuro. **Museu e escola: educação formal e não-formal**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação a Distância. Ano XIX, n. 3, maio, 2009. p. 10-21. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012191.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2025.
- FARIAS JÚNIOR, José Petrucio. Educação museal e produção de memórias. **Revista Brasileira de História da Educação**, [s.l.], v. 21, n. 1, p. e148, 17 dez. 2020. Universidade Estadual de Maringá. DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhe.v21.2021.e148>. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/52451/751375151448>. Acesso em: 14 dez. 2024.

FERACIN, Gabriela Mafud. **Experiências de vida, formação e atuação de pedagogas: Arte/Vida em dois atos: Arte/Vida em dois atos**. 2019. Dissertação (Mestrado em Teoria, Ensino e Aprendizagem) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. DOI:10.11606/D.27.2020.tde-15012020-153530. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-15012020-153530/pt-br.php>. Acesso em: 07 dez. 2024.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal na pedagogia social**. In: I Congresso Internacional de Pedagogia Social, 2006. Proceedings online. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000009200600100034&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 26 Feb. 2025.

HOFFMAN, Jussara. **Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. 34.ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS BRASIL (ICOM). Nova Definição de Museu. São Paulo. Disponível em: https://www.icom.org.br/?page_id=2776. Acesso em: 24 fev. 2025.

LEITE, Maria Isabel. Museu: Espaço impulsionador de reconfigurações identitárias docentes. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 32, n. 88, p. 335-350, dez. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622012000300006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/czbqCZTNySnFnh8YyxRYg6m>. Acesso em: 14 dez. 2024.

LEITE, Maria Isabel. Museus de arte: espaço de educação e cultura. In: LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana Esmeralda. (Orgs.). **Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte**. 4. ed. Campinas: Papirus, 2011. p. 19-54. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 28 dez. 2024.

LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana Esmeralda. Formação de professores: o convite da arte. In: _____. (org.). **Arte, infância e formação de professores: autoria e transgressão**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2011. p. 11-24. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 29 dez. 2024.

LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos. Estudantes de Pedagogia em expedição ao ateliê do artista contemporâneo: encontramos o leão na selva. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 363-393, mai/ago. 2021. DOI: 10.22456/2357-9854.117509. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/117509>. Acesso em: 06 fev. 2025.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011. 254p.

MARTINS, Mirian Celeste. A casa e a cidade como espaços plurais para encontros com a arte. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 42, n. 116, p. 7-17, abr. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/CC259134>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/gKq8vBgjLvvpjs7swmkDqjg>. Acesso em: 07 dez. 2024.

MARTINS, Mirian Celeste. A disciplina Mediação cultural e formação de educadores e os “entres” provocadores: reflexões compartilhadas. In: _____. (Org.). **Mediação cultural: olhares interdisciplinares**. São Paulo: Uva Limão, 2017. p. 6-13.

MARTINS, Mirian Celeste. Mediação. *In*: Instituto Brasileiro de Museus. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: IBRAM, 2018. p. 84-88.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de. (orgs.). Apresentação. **Entrelaçamentos entre histórias de vida, arte e educação**. In: Martins, R.; Tourinho, I.; Souza, E. (orgs.) Pesquisa narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Editora UFSM: Santa Maria, 2017. Disponível em: *E-book*: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 15 jan. 2025.

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO (MASP). **MAHKU: MIRAÇÕES**. São Paulo. Disponível em: <https://www.masp.org.br/exposicoes/mahku-miracoes>. Acesso em: 05 fev. 2025.

NOGUEIRA, Monique Andries. A formação cultural de professores ou a arte da fuga – 15 anos depois. *In*: MARTINS, Mirian Celeste; BONCI, Estela; MOMOLI, Daniel (Orgs.). **Formação de educadores: modos de pensar e provocar encontros com a arte e mediação cultural**. São Paulo: Terracota Editora, 2018. p. 26-34, (Série &arte&educação&cultura&, 2).

OSTETTO, Luciana Esmeralda. De luzes e de voos: em busca da beleza para ser humano. *In*: LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana Esmeralda. (Orgs.). **Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte**. 4. ed. Campinas: Papyrus, 2011. p. 143-152. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 20 jan. 2025.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Educação infantil e arte: sentidos e práticas possíveis. **Cadernos de Formação da UNIVESP**. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2011. p. 27-39. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/320>. Acesso em: 20 jan. 2025.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. No novelo da memória, atravessamentos do sensível: tornar-se. **Revista Digital do LAV**, [s. l.], v. 11, n. 2, p. 166–191, 2018. DOI: 10.5902/1983734833904. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/33904>. Acesso em: 16 dez. 2024.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Texturas da prática: narrativas de uma pedagoga sobre arte na formação docente. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 482-508, maio/ago. 2021. DOI: 10.22456/2357-9854.117514. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/gearte/article/view/117514>. Acesso em: 20 jan. 2025.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Narrativas institucionais de si: a arte de enlaçar reflexão, razão e emoções**. In: In: Martins, R.; Tourinho, I.; Souza, E. (orgs.) Pesquisa narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Editora UFSM: Santa Maria, 2017. Disponível em: *E-book*: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 15 jan. 2025.

PRADO, Adélia. **Bagagem**. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 101.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 96, n. 244, p. 561-576, dez. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s2176-6681/345513545>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/SgHzCz9mYprkCV6RtTR368v/?lang=pt>. Acesso em: 27 fev. 2025.

SILVA, Silvia Maria Cintra da; ALMEIDA, Célia Maria de Castro; FERREIRA, Sueli. Apropriação cultural e mediação pedagógica: contribuições de Vigotski na discussão do tema.

Psicologia em Estudo, Maringá, v. 16, n. 2, jun. 2011, p. 219-228. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287122138005>. Acesso em: 05 fev. 2025.

ZUCCOLI, Franca. Formar-se com Arte entre Museu e Pré-escola. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 4, p. 1045–1060, 15 set. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-623651713>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/DQBQjQN4rFFQ77pxQRPJwYB>. Acesso em: 16 dez. 2024.